

Débitos do Terceiro Mundo receberão novo tratamento

por Stewart Fleming
do Financial Times

Depois de três meses de debates sobre a melhor forma de integrar o Banco Mundial na luta para enfrentar o problema do débito do Terceiro Mundo, os banqueiros comerciais e os funcionários monetaristas chegaram à conclusão de que a tarefa que enfrentam não é de solução simples.

"Este é o início de um novo relacionamento. Temos, em consequência, de estudá-lo cuidadosamente", assinalou um importante banqueiro comercial. "Os bancos vão ter de acostumarse a um tipo de processo mais dificultoso", disse um alto funcionário do Banco Mundial.

Desde 1982, o Fundo Monetário Internacional (FMI) vem sendo o ponto-chave na operação da estratégia dos débitos, mas agora o Banco Mundial deverá juntar-se ao FMI no centro destas atividades.

Sob a estratégia revisada para o tratamento do problema do débito, lançado pelo secretário do Tesouro dos Estados Unidos, James Baker, na Coréia do Sul, em outubro passado, os bancos comerciais empresariam um adicional de US\$ 20 bilhões a cerca de quinze países em desenvolvimento no período 1986-88. Esta não é uma grande soma em comparação com os créditos atualmente concedidos, mas poderia contribuir para reverter a tendência ao declínio nos empréstimos bancários que se tem constatado nos últimos dois anos.

US\$ 27 BILHÕES

O Banco Mundial e outros bancos de desenvolvimento deveriam ser chamados a elevar seus créditos em cerca de US\$ 9 bilhões para US\$ 27 bilhões, dentro do mesmo período, para ajudar os países em desenvolvimento a aplicarem novas políticas econômicas destinadas ao crescimento a longo prazo.

A nova iniciativa teve um início moroso, o que contribuiu para desgastar o momento político que a prece-

dia. A reunião de alto nível realizada na semana passada entre importantes bancos comerciais, funcionários do Banco Mundial e do FMI, em Washington, pode ter revertido esta tendência, estimulada pelas especulações de que o Equador poderia tornar-se em breve o primeiro país a aderir ao programa de empréstimo conhecido como "Plano Baker".

Contudo, alguns importantes banqueiros estão advertindo que não deve haver excesso de otimismo acerca de um acordo entre o Banco Mundial, os bancos comerciais e o FMI sobre as normas de cooperação da iniciativa Baker. "Estamos chegando a um ponto em que os casos individuais é que determinarão como se desenvolverá o trabalho conjunto", disse um alto banqueiro.

No coração do problema estão as contrastantes normas que governam o raio de ação do Banco Mundial e do FMI, suas escalas diferentes e métodos de operação e, crucialmente, as formas diferentes com que suas operações são financiadas e, em particular, a dependência do Banco Mundial nos mercados internacionais de capital.

DISTINÇÕES

Essas distinções estão sendo refletidas em demandas de alguns banqueiros para uma maior proporção de garantias do Banco Mundial para proteger seus empréstimos — o FMI nunca forneceu garantias aos bancos — quando o Banco Mundial e os bancos comerciais estão efetuando operações de empréstimos em conjunto.

Alguns bancos, grandes e pequenos, estão exigindo que, se forem forçados a aceitar o reescalonamento dos empréstimos, porque um determinado país não pode atender aos prazos originais de seus débitos, os empréstimos do Banco Mundial deveriam sofrer a mesma sorte.

E fácil ver por que os bancos comerciais querem o que um funcionário do

creveu como "um cobertor de segurança do Banco Mundial" enrolado ao redor deles. Eles estão à beira de entrar em uma nova fase do problema do débito, que parece muito diferente da crise registrada entre 1982 e 1985 manejada pelo FMI.

CRESCIMENTO ECONÔMICO

O FMI sustenta resolutamente que está interessado em promover o crescimento econômico, mediante uma rápida transformação das contas atuais de seus clientes em desenvolvimento, durante dois ou três anos. Os bancos comerciais poderiam identificar-se prontamente com este objetivo, desde que se comprometessem a melhorar rapidamente as perspectivas de cumprir plena e prontamente os serviços de seus débitos. Os prazos relativamente curtos, processos decisórios rápidos e, pelo menos superficialmente, condições macroeconômicas facilmente monitoráveis são alguns dos fatores incluídos nos empréstimos do FMI que tornam mais fáceis as relações entre a instituição e os bancos.

Entretanto, esse relacionamento está sofrendo agora mudanças fundamentais. O prazo do Banco Mundial para introduzir mudanças estruturais ou promover desenvolvimento econômico de longo prazo não é de três anos, mas dez ou quinze anos. As condições inseridas em seus empréstimos são mais complexas e muitas vezes menos quantificadas que as do FMI.

As decisões e o desembolso de fundos no Banco Mundial são muitas vezes mais lentos e, porque normalmente não atua contra um "background" de crise, sua influência sobre o governo com que negocia cai sensivelmente. A relação é mais de longo prazo e de assessoria, e os programas, não necessariamente, prevêem a concessão imediata de recursos financeiros que podem ser usados com presteza para cobrir os serviços de dívidas com os bancos.

A PREOCUPAÇÃO DOS BANCOS

Em consequência, as preocupações entre os bancos comerciais são fáceis de se entender. O Peru, dizem, é um exemplo do dilema que poderiam enfrentar. Com efeito, o país não está pagando plenamente os serviços de suas dívidas contraídas perante bancos comerciais, mas ainda está efetuando pagamentos normais ao Banco Mundial e recebendo fundos sob programas de empréstimos previamente assumidos com o Banco Mundial. "Isso é bom ou ruim?", indaga um banqueiro comercial.

Sob os programas do FMI, um país que não cumpre seu programa com o Fundo terá suspenso seus empréstimos com a entidade, assim como seus empréstimos perante bancos comerciais.

Ante as demandas de amplas garantias do Banco Mundial para novos empréstimos de bancos comerciais, funcionários assinalaram que uma tal mudança os tornaria efetivamente em empréstimos do Banco Mundial e não dos bancos comerciais. Referindo-se à pressão para que haja um tratamento igual para um empréstimo conjunto do Banco Mundial e de um banco comercial, de modo a que ambos sejam reescalados em caso de dificuldades, o Banco Mundial assinala que tal concessão minaria seu papel. Isso poderia aumentar o custo de seus fundos nos mercados internacionais de capital e pôr em perigo seu acesso a tais mercados.

Além disso, quanto mais o Banco Mundial se torna um reflexo do setor creditício privado com o qual está associado, menor será o incentivo a países devedores para levantarem empréstimos e aplicarem as políticas que recomendada.